



## Entre livros e algoritmos: a Editora da Universidade Federal da Bahia e os desafios do uso de Inteligência Artificial no fluxo editorial

Susane Barros<sup>a</sup>, Flávia Goulart Rosa<sup>b</sup>

<sup>a</sup>Universidade Federal da Bahia, Brasil, [susanesb@gmail.com](mailto:susanesb@gmail.com)

<sup>b</sup>Universidade Federal da Bahia, Brasil, [faviagoulartroza@gmail.com](mailto:faviagoulartroza@gmail.com)

---

### Resumo

Este estudo analisa a incorporação da Inteligência Artificial (IA) no fluxo editorial da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), instituição com trajetória consolidada na produção e difusão do conhecimento acadêmico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratório-descritiva, configurada como estudo de caso, fundamentada em observação participativa e depoimentos de 27 profissionais envolvidos nas etapas de revisão, normalização, cotejo, editoração, produção gráfica e comunicação. Os resultados indicam que a adoção da IA ocorre de forma experimental e cautelosa, sendo utilizada sobretudo em tarefas auxiliares, como indicação de pareceristas, apoio à revisão textual, organização de referências, criação gráfica e produção de conteúdos de divulgação. Observam-se ganhos em agilidade e produtividade, acompanhados de preocupações com ética, autoria, qualidade e transparência. Conclui-se que a IA tende a integrar o fluxo editorial, desde que orientada por critérios que preservem o rigor científico, o trabalho humano e a função cultural do livro acadêmico.

**Palavras-chave:** editora universitária, inteligência artificial, fluxo editorial, edição acadêmica.

---

### Introdução

A Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba) consolidou, em mais de três décadas de atuação, um fluxo editorial marcado pela busca constante da atualização tecnológica para dinamizar a sua produção e a qualificação do seu quadro funcional com o objetivo de disseminar e preservar o conhecimento produzido na universidade. Desde sua criação, em 1993, após um período vinculado ao Centro Editorial e Didático (CED), a Edufba ampliou sua presença no cenário editorial universitário, lançando mais de três mil títulos, impressos e digitais e audiolivros, criando coleções de referência como E-livros e as edições integradas ao SciELO Livros. O compromisso com a democratização do conhecimento levou, em 2010, à incorporação da política de acesso aberto, permitindo a disponibilização gratuita das obras após seis meses da publicação.

Esse percurso possibilitou a editora ser referenciada como espaço de validação do saber científico, reforçado por práticas como a avaliação por pares e pela articulação do seu conselho editorial. O livro, sobretudo nas ciências humanas e sociais aplicadas, continua a ser visto como patrimônio cultural e instrumento de difusão do pensamento crítico. No entanto, os desafios contemporâneos da comunicação científica e da gestão universitária têm exigido da Edufba constante adaptação tecnológica. O mais recente deles é a incorporação de recursos de Inteligência Artificial (IA) em seu fluxo editorial. Este trabalho busca analisar o fluxo editorial da Edufba e identificar como a IA vem sendo experimentada em seus diferentes setores, a partir de observação participativa e depoimentos de colaboradores,

apoiando-se no *Guia para uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa da Universidade Federal da Bahia* (2025) e em autores como Santaella (2023), Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024), Araujo (2024) Kaufman (2022).

A popularização do ChatGPT, em 2022, marca uma inflexão nesse cenário. O avanço de ferramentas generativas, capazes de produzir textos, imagens e traduções em tempo real, reconfigura debates sobre autoria, ética e qualidade intelectual. No meio acadêmico, essas inovações despertam tanto desconfiança quanto ansiedade e insegurança. Escritores, revisores e designers receiam a desvalorização da criatividade humana, ao passo que gestores vislumbram potencializar eficiência e inovação através do uso como recursos aliados para dinamizar o fluxo editorial. Esse paradoxo acompanha a indústria editorial mundialmente e ainda não há respostas definitivas para as questões de uso seja pelos autores, seja como ferramenta no fluxo editorial. As editoras universitárias, que precisam equilibrar sua função de preservação da validação científica com a exploração ética de recursos emergentes, vêm desenvolvendo algumas experiências e, através da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu), trazer o tema para aprofundamento e discussão.

A Universidade Federal da Bahia (UFBA), em sintonia com diretrizes da Unesco e da União Europeia, publicou em 2025 um *Guia para uso ético e responsável da inteligência artificial generativa*. O documento recomenda que a IA complemente as capacidades humanas, e não as substitua. Também alerta para os riscos de precarização do trabalho acadêmico, reforçando que as decisões devem considerar sempre as condições dignas de atuação dos profissionais.

Este trabalho se configura como um estudo de caso, e justifica-se pela necessidade de compreender, em diálogo com a equipe da Edufba, como o uso da IA vem sendo incorporado ao fluxo editorial, considerando seus efeitos sobre práticas consolidadas, critérios de qualidade e princípios éticos na produção do livro acadêmico.

## **Método**

A pesquisa se configura como um estudo de caso de abordagem qualitativa, exploratória-descritiva, realizada na Edufba, com base na escuta de profissionais diretamente envolvidos no fluxo editorial: 15 participantes das etapas de revisão, normalização e cotejo (6 da revisão – área de Letras, 7 da normalização – área de Biblioteconomia e 1 do cotejo) e 10 da editoração e produção gráfica (9 da editoração e 1 da produção gráfica, todos da área de Design gráfico) e 2 da área de Comunicação totalizando 27 participantes, cujos depoimentos foram analisados à luz das práticas consolidadas do fazer editorial acadêmico, visando compreender a incorporação da IA nesses processos.

## **Resultados e discussão**

No caso da Edufba, a incorporação da IA tem ocorrido de modo experimental. No início do processo editorial, softwares como o ChatGPT e Gemini auxiliam na indicação de pareceristas a partir de resumos, cujas sugestões são verificadas na Plataforma Lattes. O recurso economiza tempo e amplia a rede avaliadora.

No setor de revisão e normalização, o uso ainda é tímido. Revisores recorrem ao ChatGPT apenas para reescrever trechos confusos, ajustando-os posteriormente com base em critérios de clareza e fidelidade ao estilo do autor. A cautela decorre do receio de plágio ou de padronização excessiva, que poderia comprometer a autenticidade da produção científica. O uso para agilizar o ordenamento de listas

extensas, inclusão de nomes por extenso a partir das siglas, e até mesmo busca de complementação de referências incompletas, auxiliam o trabalho de normalização, sempre passando pelo estágio da verificação e certificação.

É no design editorial que a experimentação se mostra mais ousada. Estagiários e designers da Edufba testam a análise de logotipos, paletas de cores e até mesmo sugestões de tipografia com auxílio da IA. Softwares como Midjourney e ChatGPT também foram utilizadas na criação de capas. Os relatos mostram resultados mistos: enquanto algumas soluções são genéricas, outras trouxeram ganhos significativos, como a identificação de símbolos específicos para representar temas religiosos em projetos gráficos. Nesses casos, a IA funcionou como apoio criativo, complementando a sensibilidade humana.

Na comunicação institucional, a IA vem sendo usada para otimizar a redação de resumos, sinopses e posts de divulgação. A capacidade de adaptar textos a diferentes públicos e canais fortalece estratégias de marketing e contribui para a visibilidade das publicações. Porém, a transparência é uma exigência inegociável. A Edufba passou a requerer nos roteiros de capa e nos comunicados aos autores e avaliadores informações sobre o uso de IA prevenindo problemas como desclassificações em prêmios literários, que veta obras geradas por essa tecnologia.

A transparência reflete a consciência de que a IA não é neutra. Suas aplicações afetam autoria, credibilidade e direitos autorais. Por isso, a Edufba promove cursos e encontros sobre IA e direitos autorais, buscando compreender não apenas as potencialidades, mas também os limites éticos e legais.

Entre as experiências relatadas, destaca-se a agilidade que a IA oferece na pesquisa de imagens, referências gráficas e potenciais avaliadores, além de ganhos em produtividade. Contudo, persistem dúvidas sobre como conciliar a inovação com a preservação da legitimidade científica e do valor humano no processo editorial. O uso cauteloso, centrado em tarefas auxiliares e nunca como substituição da autoria ou da análise crítica, aparece como caminho mais adequado no momento.

O futuro da IA no editorial acadêmico permanece em aberto. O certo é que essas tecnologias não desaparecerão, mas se tornarão parte inseparável da rotina de trabalho. A questão central será como utilizá-las de modo ético, garantindo que automatizem tarefas mecânicas e liberem os profissionais para atividades de maior valor intelectual. Nesse equilíbrio, reside a possibilidade de fortalecer tanto a produtividade quanto a relevância cultural das editoras universitárias.

## **Conclusões**

A trajetória da Edufba ilustra bem esse desafio. De uma editora que nasceu do esforço institucional em preservar a memória científica da Bahia, transformou-se em laboratório de práticas editoriais inovadoras, agora expostas à encruzilhada entre tradição e tecnologia. Ao mesmo tempo em que reforça sua função pública de democratizar o acesso ao conhecimento, a editora experimenta os recursos da IA sem renunciar à ética, à legitimidade, à valorização e o compromisso com os profissionais que constroem o livro universitário.

Assim, o encontro entre livros e algoritmos não significa a substituição de um pelo outro. Representa, antes, a abertura de novas possibilidades para repensar o fluxo editorial, ampliar o diálogo entre ciência e sociedade e reinventar a função das editoras universitárias em um mundo em constante transformação. Cabe, por fim, ao leitor, escolher o que consumir e reconhecer, por trás de cada publicação, não apenas as linhas de código que agilizam o processo, mas o trabalho humano que dá sentido e permanência ao conhecimento.

## Referências

- Araujo, G. C. L. (2024). *Inteligência Artificial no Mercado Editorial: possibilidades e desafios éticos*. FGV. <https://portal.fgv.br/artigos/inteligencia-artificial-mercado-editorial-possibilidades-e-desafios-eticos#:~:text=A%20IA%20deve%20ser%20entendida,o%20processo%20editorial%20em%20si>.
- Kaufman, D. (2022). *Desmistificando a inteligência artificial*. Autêntica.
- Sampaio, R. C.; Sabbatini, M.; Limongi, R. (2024). *Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa: um guia prático para pesquisadores*. Editora Intercom. <https://prpg.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/10/2025/01/livro-diretrizes-ia-1.pdf>
- Santaella, L. (2023). *A inteligência artificial é inteligente?* Edições 70.
- Universidade Federal da Bahia (2025). *Guia para uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa da Universidade Federal da Bahia*. UFBA.